



PERCURSO POÉTICO: A NARRATIVA DE UM CORPO ATRAVÉS DE DOCUMENTOS DO PROCESSOS

Louise Cavalcante Felix¹ - IFCE
Wendel Alves de Medeiros² - IFCE

Resumo

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa processual em artes visuais que analisa a partir dos documentos do processo o início de uma construção poética. Utilizei como metodologia a crítica genética e a postura cartográfica para compreender a partir da seleção e investigação de diários de artista, fotografias e gravuras, a construção de uma pesquisa sensível em arte por meio de seus fragmentos. Este trabalho ancora-se nos escritos teóricos de Salles (2004), Kastrup (2015) e Barthes (1984). Por fim, proponho-me a analisar de forma reflexiva e crítica o ponto de partida de uma construção poética.

Palavras-chave: Corpo. Documentos do Processo. Crítica Genética.

Introdução

Narrar o percurso de um corpo é uma tarefa incerta. Pois, cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história social. E se não

1 Graduada do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE). | Email: ladrona.cf@gmail.com

2 Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), possui especialização em Design Gráfico (2008) pela Faculdade Sete de Setembro (FA7) e graduação Tecnológica em Artes Plásticas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE). É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE), lecionando no Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Tem experiência nas áreas de fotografia, audiovisual, Arte-Educação e Arte & Tecnologias Contemporâneas. | E-mail: wendelmedeiros@gmail.com



escapa à história, faz sentido dizer que cada cultura tem seu corpo, assim como também possui sua língua (DE CERTEAU, 1982). O corpo, como escreve Juan Antonio Ramírez (2003), é um âmbito conflituoso difícil de delimitar, um lugar de convergência ou disputa de complexas pulsões morais, biológicas e políticas, que em sua fragilidade e efemeridade externa seus medos e abandonos. Em sua metamorfose e possibilidades, o corpo fala e constrói a fala, pois “não somente o conhecimento se faz pelo corpo mas ele é, em princípio, conhecimento do corpo” (ZUMTHOR, 2007, p. 91).

Assim como eu, muitas mulheres de minha família e próximas ao meu círculo de amizade e trabalho travam lutas diárias com seus corpos em busca de emagrecer e rejuvenescer. Creio que as mulheres que nos antecederam enfrentaram as mesmas lutas. A partir da Idade Média, de acordo com Nahoum-Grappe (1991), o corpo belo tornou-se intransponível para as mulheres ocidentais passando a dedicar-se quase que integralmente aos cuidados com a sua beleza, pois este era até então, o único meio, ainda que precário, de “ação social” perante os outros meios formais - econômicos e políticos - dominados por homens. Independente do padrão de beleza do corpo ocidental em épocas distintas, a “[...] silhueta e o rosto feminino foram correspondendo às diferentes condições de dieta, de estatuto e de riqueza, dando origem a novos padrões de aparência e a novos ideais” (GRIECO, 1991, p. 81).

Aos oito anos de idade, quando me via no espelho, eu percebia um corpo gordo e feio. Sentia-me desajeitada e esquisita. Desde muito cedo, lembro de minhas idas e vindas aos nutricionistas, endocrinologistas e homeopatas. Eu era uma criança ansiosa, acima do meu peso, que substituía pela comida as carências afetivas que sentia em relação ao pai. Culpava-me por não conseguir perder peso e esse sentimento ruim me levava a comer ainda mais. À medida que eu ganhava peso sentia limitações e as autocobranças erguiam-se como muros diante de mim. Experimentei alguns métodos para emagrecer e quis morrer todas as vezes em que eles se mostravam ineficazes diante da minha compulsão. Meu corpo já não mais falava, ele gritava por socorro.



A sociedade ocidental contemporânea impõe aos indivíduos, sobretudo mulheres, o que Morgan e Azevedo (1998) chamam de pressão cultural para emagrecer, desencadeando um verdadeiro pavor em engordar. Como consequência disso, minha mãe, assim como eu, desde sempre acreditou que a magreza era sinônimo de felicidade, sucesso e valorização pessoal. Tendo isso em mente, nós duas movemos mundos e fundos para que eu não engordasse, possivelmente até agravando uma compulsão alimentar que me levou à obesidade mórbida aos dezesseis anos.

Durante muitos anos eu senti que a minha vida de verdade ainda não havia começado, ela estava no *pause*, esperando o dia em que eu emagreceria e teria um corpo magro e feliz. Aos vinte e um anos, as minhas preces foram atendidas. Por meio de um procedimento cirúrgico que me proporcionou emagrecer setenta quilos, tornei-me o que sempre quis ser: uma mulher magra.

Cheguei perto de tatear as linhas de força do regime de controle dos corpos que norteiam, principalmente, a vida das mulheres, pois num instante, eu era humilhada e ridicularizada, e no outro, eu era respeitada pelo simples fato de ter um corpo magro.

Sendo assim, posso dizer que pude usufruir de quase todos os privilégios que uma mulher magra da classe média tem. Comprei roupas em lojas de departamento, viajei de avião em poltronas minúsculas, andei de ônibus sem neurose de ficar presa na catraca, virei a noite em baladas, beijei várias bocas, usei pessoas e fui usada. É claro que para manter o privilégio de ser aquela mulher magra e bonita, precisei adotar comportamentos tóxicos e obsessivos. Dentre eles, deletar as poucas fotografias que ainda restavam do meu corpo gordo na rede social virtual *Facebook* e jamais tecer comentários sobre o meu passado. Para além disso, comecei a usar cintas modeladoras, sutiãs de bojo, roupas largas e blusas de manga comprida - em pleno litoral do Ceará - para disfarçar as deformidades ocasionadas pela minha drástica perda de peso. Sim, meros subterfúgios, porém, indispensáveis para esconder o meu novo corpo emagrecido. Era quase como se eu tivesse deletado a mim mesma e me recriado como uma nova Louise. Sem passado, sem memória, sem voz.



A partir desse relato íntimo, reflexivo, crítico e exorcizador de um eu que não mais existe em meu ser e pela necessidade, enquanto artista e mulher, de contar a minha história, decidi iniciar uma pesquisa em Arte denominada “Meu corpo é uma narrativa”. Trata-se de uma poética pessoal em que, para enfrentar as vergonhas e descontentamento que sinto em relação ao meu corpo, decidi tornar-me arqueóloga de mim mesma e contar a minha história.

Dessa maneira, o presente artigo tem por objetivo compreender a tessitura do meu processo de criação debruçando-me, como uma crítica genética “[...] que vê a obra de arte a partir de sua construção, acompanhando seu planejamento, execução e crescimento” (SALLES, 2004, p.08), sobre os documentos do processo desta pesquisa evidenciando as primeiras ferramentas que encontrei para narrar a história do meu corpo e os enfrentamentos que travei com o mesmo.

Mas de que forma narrar a história de um corpo que eu sempre neguei?

Iniciando esse processo “[...] do meio de uma prática, de uma vida, de um saber, de uma ignorância.” (LANCRI, 2002, p. 11), eu busco uma condição que tanto me destrói quanto me constrói. À esse respeito, incerta da utilidade prática do que me movia, me senti coagida a agir, a destruir barreiras que nem eu mesma sabia ter, coletando o máximo de fotografias, vídeos e registros do meu corpo onde eu pudesse encontrá-los, afinal, “[...] por necessidade, o artista é impelido a agir. Uma ação com tendência, certamente, complexa que se concretiza por meio de uma operação poética registrada nos documentos de processo” (SALLES, 2004, p. 27).

Ao longo dessa atividade de coleta de imagens, e por meio de um olhar atento aos registros do meu corpo, senti aflorar em mim um universo de questões, memórias e reflexões que encontravam-se até então adormecidas. Como uma arqueóloga do meu passado, escavando registros,



tal experiência me fez lembrar o *punctum* barthesiano, que assemelha-se a algo que nos atravessa, que nos toca e traz para a superfície alguma coisa que estava distante no espaço/tempo. O *punctum*, como algo extremamente subjetivo, representa tudo “[...] aquilo que eu acrescento à fotografia e que, no entanto, já está lá” (BARTHES, 1984. p. 32).

Enfrentar aqueles retratos, sistematizá-los e analisá-los, construíram em mim a necessidade de apreensão das sensações e emoções que me atravessaram para, então, contar a história de um corpo gordo que já não existe mais. Existem muitas formas de se contar histórias, mas estas, tais como são, remetem inevitavelmente ao formato do que é físico, ao aspecto final de um conjunto de ideias. Dessa maneira, escolho utilizar a palavra método, e não forma, pois essa me conduz ao que é do percurso, ao tempo e ao processo de construção da obra, que é justamente o caráter desta pesquisa em Arte. Como diria Edward Albee (1983, p. 341, apud SALLES, 2004, p. 95) acerca de seu processo de escrita:

Nenhum escritor sentaria e colocaria uma folha de papel na máquina e começaria a escrever uma peça, a não ser que soubesse sobre o que está escrevendo. Mas, ao mesmo tempo, o processo de escritura tem a ver com o ato de descoberta. Descobrir sobre o que se está escrevendo.

Creio que descobrir sobre o que se está escrevendo possa servir como uma analogia ao percurso adotado, no caso, o método cartográfico de pesquisa-intervenção, pois pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador em Arte que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos, tampouco trata-se de uma ação sem direcionamento, mas sim de uma reversão do sentido tradicional de método, pois é o meu caminho que traçará as metas, e não o contrário (PASSOS, BENEVIDES, 2009).



Operando nesta pesquisa-intervenção, iniciei as primeiras coletas e experimentações plásticas sobre os meus retratos de infância. Concomitante à essa produção artística, dei início ao registro destas etapas. Levando em consideração que “[...] a poeticidade não está nos objetos observados mas no processo de transfiguração desse objeto.” (SALLES, 2004, p. 94), disponho de uma série de documentos do processo que evidenciam esse percurso investigativo e apontam para a construção de várias poéticas que se materializam por meio de uma série de transfigurações, intervenções e produções imagéticas.

Adotando uma postura cartográfica de atenção flutuante (KASTRUP, 2009) selecionei materiais fragmentados - fotografias, intervenções e diários - que apontam para o início da minha trajetória e as primeiras tentativas de contar a história do meu corpo. Por um viés genético, eu dissequei a relação entre esses documentos do processo e a obra entregue ao público buscando evidenciar a complexidade das barreiras enfrentadas por mim e a tessitura da construção de minha poética (SALLES, 2004).

Um olhar genético

Percebo que à medida que buscava inventar mecanismos para contar a história do meu corpo, eu também criava na mesma intensidade, desvios e rotas de escape para escondê-lo. Em todos os retratos de infância que manipulei, acobertava e rasurava a imagem do meu corpo com camadas de tinta guache e outros materiais gráficos, conforme observa-se na Figura 1.

Por meio de experimentações e intervenções artísticas, revisitar o acervo de retratos e visuais que tanto evitei enfrentar, fez com que eu percebesse que inconscientemente eu agredia aquelas imagens com tesouras, rasuras e tinta. Distorcia os meus retratos de infância a ponto de tornar impossível identificar que eu era aquela criança gorda. Em contrapartida, experimentava caminhos e ferramentas com o intuito de contar a minha história e assumir o meu corpo.



Fig. 1. Experimentação em fotografia analógica, junho de 2017 - Fortaleza, CE.

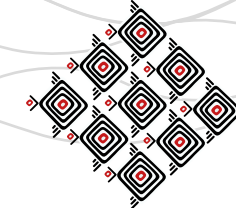


Fig. 2 - Fotografia de janeiro de 2012, coletada do acervo digital - Fortaleza, CE

Esta percepção acerca do meu desconforto instigou-me a explorar as fotografias da vida adulta que me incomodavam a um nível consciente. Talvez por não conseguir me descolar das recentes memórias de exclusão, essas imagens que contêm o meu corpo obeso, transportam-me para momentos sombrios da minha vida. Enquanto escrevo o presente estudo genético, ainda pondero em utilizá-las, todavia, necessito compreender e elucidar o impacto que a Figura 2 exerce em minha construção poética.

Ao contrário do que o sorriso largo possa indicar, eu não nutria alegria ou desejo de viver. Escolhi realizar esse procedimento cirúrgico porque vi nele, e em sua promessa de eficácia, a única possibilidade de vida para mim. Eu tinha vinte anos de idade, pesava 140 quilos, além de depressão, sofria com dor nos joelhos, deformação na coluna, incontinência urinária, diabetes e hipertensão. Esse retrato foi clicado no dia anterior à minha gastroplastia³ no dia 20 de janeiro de 2012 e o único pensamento que me cruzava a mente, enquanto a minha irmã fazia esse retrato, é que eu poderia morrer na mesa de cirurgia e que estava tudo bem.

Após seis anos da minha gastroplastia, julgava estar muito distante das inseguranças e angústias que me fizeram deletar as imagens do meu corpo da rede social virtual do *Facebook*, no entanto, na Figura 3, eu percebo que a dificuldade em assumir a identidade desse corpo gordo ainda perdura.

Esse olhar direcionado para o meu corpo me permitiu através de minha poética fazer conexões e arranjos com as fotografias da infância e vida adulta, seguindo um caminho de manipulação de lembranças que se misturam e que se confundem. De modo que eu percebo o desejo de intervir artisticamente nos registros desse corpo também como uma metáfora para minha gastroplastia ao interferir cirurgicamente em meus retratos.

³ Gastroplastia, também chamada de Cirurgia Bariátrica ou Redução de Estômago, tem como objetivo reduzir o peso de pessoas obesas por meio de uma plástica no estômago.

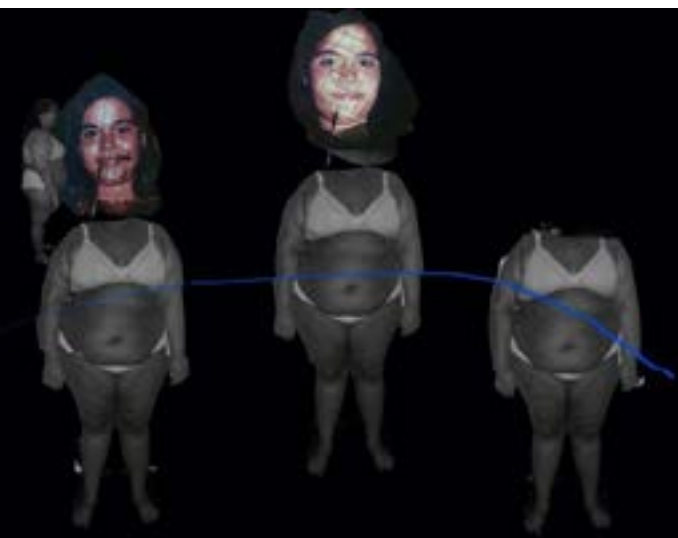


Fig. 3 - Experimento Analógico/Digital, 2017 - Fortaleza, CE

Considerações Finais

Os documentos do processo, apontados e dissecados aqui nestes escritos são parte de um recorte que apontam os primeiros passos de uma pesquisa de caráter processual que vem sendo realizada como trabalho de conclusão de curso. Enfrentando as minhas questões por meio da Arte, sigo construindo uma série de imagens e ações performáticas que tensionam de maneira sensível o lugar do corpo na contemporaneidade.

Portanto, a minha poética tem sido o resultado de um olhar atento voltado para mim mesma, partindo da minha necessidade enquanto artista e mulher de compreender e narrar a história do meu corpo por meio da Arte.

Referências bibliográficas

BARTHES, R. (1984). A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Gastroplastia Endo Diagnostic. (2018: Rio de Janeiro, RJ) Disponível em: <<https://www.endodiagnostic.com.br/gastroplastia-endoscopica-apollo-overstitch/>>. Acesso em: 14/08/2018.

GRIECO, S. F. M. O corpo, aparência e sexualidade. In G. Duby & M. Perrot (Orgs.), História das mulheres no ocidente 3: Do renascimento à idade moderna (71-120). Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1991.

KASTRUP, Virginia. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. orgs. Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORGAN C. M., & AZEVEDO A. M. C. Aspectos socioculturais. In M. A. A. Nunes, J. C. Appolinário, A. L. G. Abuchaim & W. Coutinho. Transtornos alimentares e obesidade (pp. 86-93). Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.



NAHOUM-GRAPPE, V.. A mulher bela. In G. Duby & M. Perrot (Orgs.), História das mulheres no ocidente 3: Do renascimento à idade moderna. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.

PASSOS E., BENEVIDES R. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

RAMIREZ, Juan Antonio. (2003) Corpus solus: para un mapa del cuerpo en el arte contemporáneo. Madrid: Ediciones Siruela, 2003.

SALLES, Cecília A.. Gesto Inacabado : processo de criação artística. 2 ed. São Paulo: FAPESP – Annablume, 2004. 168 pp. ISBN 85-7419-042-X

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.